

RELATO DE EXPERIÊNCIA: A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DA DANÇA NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Hanna Caroline Ribeiro Sena¹
Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque²

RESUMO

O presente trabalho propõe apresentar um relato de experiência, correlacionando minha participação no grupo de pesquisa GPNEC - Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos do Corpo (CNPq/UESB) a partir do Projeto de Pesquisa *MOVERES: apontamentos e aproximações em corpo, texto e coreografia* com as aulas que foram ministradas para as crianças e adolescentes que possuem o transtorno do espectro autista (TEA) na APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) durante o período de 05 meses. Nas últimas décadas, há uma enorme crescente nos diagnósticos e nos tratamentos do TEA que “é um Transtorno do Neurodesenvolvimento, que por sua vez, são distúrbios comportamentais e cognitivos que surgem durante o período de desenvolvimento da criança e que envolvem dificuldades significativas na aquisição e execução de funções específicas intelectuais, motoras, de linguagem ou sociais” (CID 11, 2022). Diante disso, destacamos a importância de uma prática de dança contextualizada com pesquisadores desta e de outras áreas de conhecimento interdisciplinarmente que atuam com práticas corporais como Silvana Ferreira, Iara Albuquerque, Monica Rahme e Anamaria Viana com TEA. Conclui-se que a dança, pode fazer parte desses acompanhamentos como terapia corporal, principalmente no desenvolvimento de seus processos cognitivos, e destaque como a potencialidade de um projeto de pesquisa favorece esse engajamento de nós discentes com questões e desafios da atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo, Corpo, Teoria Corpomídia, Dança, Prática.

EXPERIENCE REPORT: THE IMPORTANCE OF DANCE PRACTICE IN THE DEVELOPMENT OF CHILDREN WITH AUTISTIC SPECTRUM DISORDER (ASD)¹

This work proposes to present an experience report, correlating my participation in the research group GPNEC - Research Group Núcleo de Estudos do Corpo (CNPq/UESB) based on the *MOVERES* Research Project: notes and approaches in body, text and

¹ Graduanda em Licenciatura em Dança, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Integrante do Grupo de Pesquisa GPNEC - Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos do Corpo. Bolsista FAPESB.

² Coordenadora do projeto de pesquisa *MOVERES: apontamentos e aproximações em corpo, texto e coreografias* (CNPq/UESB). Professora Titular no Departamento de Ciências Humanas e Letras - DCHL. Professora Permanente no PPGCEL/UESB - Programas de Pós Graduação em Letras: Educação, Cultura e Linguagens. Vice- Coordenadora da EFILARTE: Especialização em Filosofia, artes e territorialidades /UESB. Doutorado em Comunicação e Semiótica -PUC/SP.

choreography with the classes that were taught to children who have autism spectrum disorder (ASD) at APAE (Association of Parents and Friends of the Exceptional) during a period of 05 months. In recent decades, there has been a huge increase in the diagnoses and treatments of ASD, which “is a Neurodevelopmental Disorder, which in turn, are behavioral and cognitive disorders that arise during the child's developmental period and that involve significant difficulties in acquiring and execution of specific intellectual, motor, language or social functions” (ICD 11, 2022). In view of this, we highlight the importance of a contextualized dance practice with researchers from this and other areas of interdisciplinary knowledge who work with body practices such as Silvana Ferreira, Iara Cerqueira, Monica Rahme e Anamaria Viana with ASD. It is concluded that art, in this case dance, can be part of the support of these children as body therapy, mainly in the development of their cognitive processes and how the potential of a research project favors this engagement with current issues and challenges .

KEYWORDS: Autism, Body, Teoria Corpomídia, Dance, Practice.

INTRODUÇÃO

O *Projeto Moveres: apontamentos e aproximações em corpo, texto e coreografia*, iniciado em 2018 com ingressos e egressos dos cursos de Licenciatura em Dança e Teatro, concentra-se na investigação dos processos de criação na dança contemporânea. O projeto visa compreender a dança como uma ação cognitiva do corpo e é orientado pela professora Dra. Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque, que enfatiza a importância do pensamento coletivo, diverso e contextualizado como modo de apreensão daquilo que ainda é desconhecido.

A abordagem epistemológica que delinea as ações do grupo é *Teoria Corpomídia* em que “o corpo é sempre corpamente assim mesmo, tudo junto” (KATZ, 2005, p. 129). Essa epistemologia tenta romper com o pensamento dualista muito presente na atualidade e possibilita o entendimento de corpo fora dessa dicotomia estrutural. Katz & Greiner apresentam o corpo não como um meio para passar as informações, mas como *mídia de si mesmo*, pois, se ele está no mundo, se organiza nesse processo de contaminação, dessa forma as vozes são de todos, assim com o corpo em suas diversidades para o mundo.

Durante meu processo no GPNEC surgiu o interesse de trabalhar dança com crianças dentro do Transtorno do Espectro Autista. Em conversa com essa teoria surgiram também alguns questionamentos “Qual é o corpo que dança? O que se constitui um corpo para dançar? Qualquer corpo pode dançar?” Assim, a partir dessas indagações e questionamentos pude apresentar dança às crianças e adolescentes com TEA alinhada às discussões teóricas, às práticas corporais e às ações desenvolvidas e apresentadas no grupo de pesquisa.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo possui abordagem qualitativa e caracteriza-se como estudo de caso. Os sujeitos da pesquisa são crianças e adolescentes com TEA. Somente para contextualizar, vou descrever sobre o tema/campo e na continuação falarei de minha experiência com alunos na APAE. “O Transtorno do Espectro Autista (TEA), é um transtorno que pode ser diagnosticado em qualquer idade, sendo assim, considerado uma “desordem de desenvolvimento”, pois seus sintomas e sinais são observados nos dois primeiros anos de vida. Também é rotulado como um “espectro”, porque se manifesta em diferentes níveis e diversas maneiras distintas em cada pessoa, mesmo que em alguns seus sinais sejam semelhantes. Após seu diagnóstico, existem várias intervenções terapêuticas que poderão ser realizadas, nas quais são possibilidades e oportunidades de uma melhor condição de vida para essas pessoas.

Desde sempre tive o interesse de trabalhar com crianças e durante esse período que estou no curso de Licenciatura em dança surgiu a possibilidade de trabalhar dança com Espectro Autista (TEA). A partir disso comecei a estudar mais e buscar me aproximar de textos que pudessem criar essas conexões. Dessa forma, pude perceber que a dança pode fazer parte das intervenções terapêuticas, pois a prática corporal auxilia “no desenvolvimento gestual, ao equilíbrio gestual, melhora na qualidade de vida dos alunos, coordenação motora (estática e dinâmica), melhora no movimento rítmico, habilidades rítmicas...” (Menezes, 2016). Da experiência nas aulas na APAE, observei que inventar cotidianamente um dançar é também clinicar com essas pessoas e envolve uma escuta profunda para seus aspectos neurológicos, sensoriais, comportamentais, de linguagem, afetivos e políticos (FERREIRA, 2022).

Dessa forma a dança proposta se faz a partir desses corpos autistas, incorporando seus movimentos, gestos e ações como campo de ensino e criação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No VI semestre, como voluntária na APAE, trabalhei em um núcleo onde eram recebidos adolescentes, jovens e adultos com deficiência intelectual. Em paralelo, estava em montagem de um Estágio Supervisionado na UESB que fiz com a participação de 3 mulheres da APAE. A proposta foi apresentar as histórias de vida delas contadas a partir da dança, enquanto *mídia de si mesmas*, e nesse processo, elas puderam entender e ver que têm total potencial para ser e fazer o que quiserem. Tivemos 15 encontros onde sempre fazíamos uma roda de conversa, aquecimento, alongamento e dinâmicas através de algumas perguntas/respostas nas quais eram criadas as coreografias. Um processo lento e de muita aprendizagem pessoal, no qual, entendi que precisamos ampliar a escuta a estas singularidades e percebê-las como potencialidades, reconhecendo que frequentemente impomos um saber normatizante e preestabelecido, que conduz a certa maneira de agir, de estar no mundo (RAHME;VIANA, 2019).

Após 4 meses, fui transferida para o Núcleo de Autismo da associação. As aulas eram semanais, individualizadas/duplas, tendo um total de 20 a 25 minutos por aula, onde trabalhamos a consciência corporal/espacial, a coordenação motora, memorização, comunicação, interação, além da expressão, criatividade, dança livre, sempre respeitando como o corpo dessas pessoas como eram e poderiam vir a se tornar através dessas experimentações. O processo foi sempre correlacionando aos procedimentos do GPNEC – nos processos de criação e nas práticas de Pilates pois, segundo Albuquerque (2006) a utilização do método Pilates permite a quem a pratica desenvolvimento sensorial, neuromotor e respeito ao aspecto anatômico e funcional, ampliando uma séria de possibilidades para o praticante, inclusive o respeito à diversidade corporal.

CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES

O corpo é *mídia* desse fluxo de informações que estão em constante troca com o meio ambiente, em processo co-evolutivo de selecionar informações que vão se constituindo corpo. Uma *mídia* que não é dura, mas adaptável ao contexto e ambiente que atua, dessa forma o espectro autista se materializa a partir de seus corpos diversos, e de seus mundos também diversos. Nesse caso não estamos definindo como o corpo pode e deve ser, mas respeitando como ele é e poderá vir a se tornar. Katz (2012) em seu texto: VISUALIDADE E IMUNIZAÇÃO: O INFRAMINCE DO VER/OUVIR A DANÇA apresentado no ANAIS DO II CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA – ANDA em 2012, ratifica e nos orienta a caminhar juntos sem cobranças e exigências em relação aos corpos que dançam.

Concluo, ressaltando a importância da dança como terapia corporal nas quais seus benefícios são enormes, além de ampliar e desenvolver a criatividade e habilidades artísticas para crianças e adolescentes dentro do Espectro Autista (TEA). Nesse caso como proposição nesse artigo, caminho enquanto *mídia de mim mesma*, como professora de possibilidades e práticas de inventividades e poesias aos corpos com TEA, criando e gerando conexões para que possamos dançar juntos e juntas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, I. C. L. **A utilização da técnica de Pilates no treinamento do dançarino/intérprete contemporâneo.** Diálogos possíveis, v. 5, n. 1, p. 141-160, 2006.

FARID RAHME, M. M., & Viana, A. F. (2022). **UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO:** o projeto Arte e Diferença. *Periferia*, 14(2), 41–61. <https://doi.org/10.12957/periferia.2022.64963>

FERREIRA, Silvana Rocco. A criação da dimensão clínica da dança com pessoas autistas. Acesso dia 29.09.23. Link:

<https://www.revistas.usp.br/aspas/article/view/214585/196790>

KATZ, Helena; GREINER, Christine. **Por uma teoria da corpomídia**. In: O corpo: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005.

KATZ, Helena; GREINER, Christine. **Visualidade e imunização: o inframince do ver/ouvir a dança**. Anais do II congresso nacional de pesquisadores em Dança - ANDA Comitê Dança e(m) Política – Julho/2012

MENEZES, Simone. **A importância da dança para desenvolvimento de alunos transtorno do espectro autista (TEA)**. São Paulo, 2016.